

QUESTÕES AFETIVAS E EMOCIONAIS EM MULHERES QUE SOFRERAM ABORTO ESPONTÂNEO NO MUNICÍPIO DE SETE LAGOAS/MG.

Camila da Silva Araújo¹
Flávia Carvalho Barbosa²

RESUMO

O processo de abortamento pode ser caracterizado como espontâneo ou provocado. Fatores físicos e ou psicológicos estão relacionados ao aborto espontâneo e contribuem para que o concepto não se desenvolva e é eliminado do corpo da mãe de forma natural. Este artigo tem como problema de pesquisa: Quais as repercussões emocionais de um grupo de mulheres que sofreram aborto espontâneo em Sete lagoas/MG? Essa discussão se faz relevante uma vez que poderá orientar a comunidade acadêmica acerca dos aspectos emocionais de mulheres que sofreram aborto espontâneo e a importância do profissional de psicologia no acolhimento e acompanhamento das mesmas. Este trabalho é de natureza descritiva e na modalidade qualitativa, tendo como principal objetivo estudar os efeitos do aborto espontâneo na vida das mulheres, enquanto específicos descrever os sentimentos apresentados e os impactos na vida de mulheres que passaram por essa experiência e apresentar possibilidades de intervenção da psicologia no acolhimento e acompanhamento de mulheres que viveram a experiência do aborto espontâneo. A coleta de dados foi feita através da entrevista semiestruturada com um grupo de 05 mulheres, com idades entre 21 e 52 anos. Os dados investigados foram transcritos e analisados por meio de análise de conteúdo. Observou-se que o aborto é um momento muito delicado e difícil na vida da mulher e é marcado por sentimentos de tristeza, medo e culpa diante desse momento de perda. Pode-se observar a existência da necessidade do apoio do profissional de psicologia, no acolhimento sendo como essencial para a compreensão desses sentimentos.

Palavras – chave: Aborto. Aborto Espontâneo. Psicologia.

ABSTRACT

The abortion process can be characterized as spontaneous or provoked. Physical and/or psychological factors are related to spontaneous abortion and contribute to the conceptus not developing and being eliminated from the mother's body in a natural way. This article has as research problem: What are the emotional consequences of a group of women who had miscarriages in Sete Lagoas/MG? This discussion is relevant since it can guide the academic community about the emotional aspects of women who have suffered spontaneous abortion and the importance of the psychology professional in receiving and monitoring them. This work is descriptive and qualitative, having as its main objective to study the effects of spontaneous abortion on women's lives, while specifically describe the feelings presented and the impacts on the women's lives who have gone through this experience, and present possibilities for psychological intervention related to the reception and monitoring of women who lived the experience of spontaneous abortion. Data collection was done through semi-structured interviews with a group of five women, aged between twenty-one and fifty-two. The investigated data were transcribed and analyzed through content analysis. It was observed that miscarriage is a very delicate and difficult time to the woman's life and is marked by feelings of sadness, fear and guilt in face of this moment of loss. It can be observed the need of a psychologist support, the reception is essential to understand the feelings.

Keywords: Abortion. Spontaneous Abortion. Psychology.

¹ Graduanda em Psicologia na FCV-Faculdade Ciências da Vida. E-mail: *camilastaly2@gmail.com*

² Mestre em Administração Pública com ênfase em Políticas Sociais, Graduada em Psicologia e docente do curso de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida –FCV/Sete Lagoas -MG. E-mail: *flacaba@gmail.com*

1 INTRODUÇÃO

A gestação se torna um momento muito importante e único na vida de muitas mulheres, pois são grandes as expectativas em torno da gravidez e há todo um planejamento frente ao tão sonhado filho. Porém, toda a gestação é marcada por mudanças físicas e hormonais e infelizmente, em alguns casos, culmina com a perda natural do bebê, resultando em aborto. O termo científico “aborto” é utilizado quando há a interrupção da gestação, que pode ocorrer de forma espontânea ou provocada. O aborto espontâneo é a perda completa da estrutura embrionária antes que se torne possível ser visto, sua ocorrência pode ser tanto por condições físicas ou psicológicas (SILVEIRA, 2016). Segundo Bastos (2017), o tema aborto existe desde a antiguidade, quando era visto como uma forma de castigo à mulher, por ter tido um mau comportamento ou por acreditar ser culpa dos maus espíritos. Na atualidade o aborto é considerado um tabu, mas se torna importante debater, pois, é tido como um sério problema de saúde pública (PITILIN, 2016).

Segundo Leonardi (2016), a mulher ao se deparar com o aborto, pode vir a acreditar que é incapaz e infértil e que não será possível engravidar novamente. Freitas *et al.* (2016) relata que grande parte das mulheres que sofreram aborto espontâneo, independente da idade, relata o sentimento de tristeza, vazio, desesperança e sensação de vulnerabilidade e podem vir a ter comportamentos autodestrutivos e depressão. É difícil ignorar os efeitos emocionais que refletem na vida dessas mulheres e os sentimentos vivenciados por quem passou pelo processo de abortamento.

Para nortear esse estudo acadêmico, foi elaborado o seguinte problema: Quais as repercussões emocionais de um grupo de mulheres que sofreram aborto espontâneo em Sete Lagoas/MG? Na tentativa de responder esta questão norteadora, esta pesquisa parte do seguinte pressuposto: passar pela experiência de um aborto espontâneo não é fácil e pode provocar sentimentos como medo diante de uma nova gestação, que por sua vez pode desencadear estados depressivos e ansiedade, comportamentos autodestrutivos, afetando profundamente a autoestima da mulher. Diante disso, o artigo tem como principal objetivo, estudar os efeitos do aborto espontâneo na vida das mulheres. Já os objetivos específicos são: descrever os sentimentos apresentados e os impactos destes na vida de mulheres que passaram pela experiência do aborto espontâneo e apresentar possibilidades de intervenção da psicologia no acolhimento e acompanhamento destas mulheres.

A escolha desse tema se justifica pela possibilidade de propor uma discussão em torno deste fenômeno, pois, embora muitas mulheres vivenciem o aborto espontâneo, poucas tem o tratamento e apoio necessários, sendo de grande valia o acolhimento da mulher de forma digna e respeitosa (SILVA *et al.*, 2015). Diante disso, esse projeto se faz relevante, uma vez que poderá orientar a comunidade acadêmica acerca dos aspectos emocionais de mulheres que sofreram aborto espontâneo e a importância do profissional de psicologia no acolhimento e acompanhamento dessas mulheres. Ainda, é importante destacar que este trabalho abre a possibilidade de expressão de um grupo de mulheres sobre seus sentimentos e outras se sintam representadas, podendo assim, diminuir o sentimento de solidão que cerca estas mulheres que passaram por um aborto espontâneo.

Como aspecto metodológico, este trabalho se trata de uma pesquisa de campo, de natureza descritiva e abordagem qualitativa. A coleta de dados foi realizada através de perguntas pré-estabelecidas para alcançar os objetivos da pesquisa, tendo como amostra um grupo de cinco mulheres, com idades acima de 18 anos, residentes da cidade de Sete Lagoas/MG e que sofreram aborto espontâneo. Os dados investigados foram transcritos e analisados por meio de conteúdo conforme Bardin (1977).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEITO DE ABORTO ESPONTÂNEO.

Morais (2017) define o aborto como a interrupção da gestação, seja de maneira espontânea ou provocada, onde ocorre a morte do ovo, embrião ou feto e que pode estar associada a aspectos patológicos relacionados à saúde da mulher ou a algum acidente que a gestante venha sofrer. Segundo Gimenez e Reig (2015), o aborto espontâneo ocorre aproximadamente em 15% das mulheres gestantes com até 35 anos de idade, e há uma taxa elevada relacionada com o aumento da idade, que pode chegar de 30 a 40% acima de 40 anos. O conceito de aborto espontâneo é definido pela perda natural da gravidez até a 20ª semana, o que corresponde a um peso fetal de 500 gramas (STEVANUX, 2018), porém nem sempre é possível identificar a provável causa do aborto que, normalmente, ocorre nas primeiras semanas de gestação.

O aborto espontâneo é compreendido pela perda completa da estrutura embrionária, acarretando diversos efeitos físicos e emocionais em mulheres que passaram por esse

processo. Dos efeitos físicos pode-se elencar infecções, dor, desconforto relacionado ao procedimento de curetagem, mas não são todos os casos que precisam de intervenção médica. De acordo com Lima (2015), a curetagem serve para a retirada de todo material que não foi expulso de forma natural do útero, é um método de raspagem na parede interna do útero e que muitas vezes, se torna indispensável em casos de aborto onde o sangramento é intenso. Dos efeitos emocionais podem ser listados a tristeza, depressão, raiva, sentimento de incompetência e medo de uma futura gestação (FIGUEIREDO, 2016).

Segundo Bastos (2017), O aborto faz parte da história da humanidade. Na antiguidade o aborto era considerado um castigo para mulher devido a maus comportamentos ou acreditavam ser culpa dos maus espíritos. Através destas crenças, eram feitos perigosos rituais que tinham grande chance de provocar a morte da mulher (FIGUEIREDO, 2016). Ainda no contexto histórico, os discursos sobre o aborto mudaram de acordo com a época. Um dos grandes nomes da filosofia, Aristóteles, dizia no âmbito espiritual, enquanto o feto não completasse os 40 dias da sua fecundação ele era considerado desprovido de “alma”. Dando sequência a essa ideia, o teólogo São Tomás de Aquino declarava que enquanto não houvesse a formação do corpo não era possível existir alma. Em 1989 o Papa Pío IX alegava ser possível existir alma nos embriões desde a sua fecundação, eles só precisavam se desenvolver (FERNÁNDEZ, 2018).

Martins (2017) afirma que não há um perfil que tenha tendência ao aborto espontâneo, mas que a idade da mulher para menos ou para mais é um fator contribuinte. A opinião de Silveira (2016) associa-se à reflexão de Diniz (2017) e Morais (2017), de que a causa referente ao aborto espontâneo, pode estar relacionada por doenças e más condições de saúde da gestante, antecedentes à fecundação, como: diabetes, anemia profunda dentre outras. De acordo com Mereles (2016), os motivos podem estar ligados tanto à má-formação cromossômica no feto, que corresponde cerca de 25% das gestações, como também ao alto nível de estresse. Diante esse acontecimento, aspectos físicos, psicológicos e sociais podem contribuir para que a gestação não se desenvolva e o feto ser expulso do corpo da mãe de forma natural (SILVEIRA, 2016).

A mulher na sociedade é vista como um ser que nasceu para ser mãe e que ao passar por um aborto espontâneo, precisa ser forte e se recuperar o mais rápido possível e isso pode comprometer o seu relacionamento interpessoal. Figueiredo (2016) relata que vivenciar um aborto passa a ser uma experiência muito dolorosa, mas que a mulher deveria se permitir e não negar esses sentimentos.

2.1 ABORTO ESPONTÂNEO: IMPACTOS EMOCIONAIS E OS SENTIMENTOS VIVENCIADOS POR QUEM PASSA POR TAL EXPERIÊNCIA

O período da gestação se torna um momento muito importante e único na vida das mulheres que sonham em um dia serem mães. Em relação ao aborto espontâneo, é preciso abordar os efeitos emocionais que refletem na vida dessas mulheres e os sentimentos vivenciados por quem passou pela situação de aborto espontâneo (MATTOS, 2015). Ao se falar sobre o tema deve se ter atenção, pois cada mulher vivencia essa experiência de forma diferente e subjetiva (MENDONÇA, 2018).

De acordo com Figueiredo (2016), viver um aborto espontâneo deixa a mulher bastante sensibilizada, pois junto com a perda de um bebê também morre uma parte da mãe, que vivencia não somente a dor física, mas as dores emocionais decorrentes da perda de sonhos e projetos. Esta mulher sofre ainda por ter que conviver com a falta do filho em seus braços, voltando para casa com um sentimento de vazio. Além disso, as mulheres vivenciam manifestações cognitivas como falta de memória, comportamentais como o choro e o isolamento e ainda efeitos fisiológicos como aperto no peito e palpitações (LEMOS; CUNHA, 2015).

Bezerra *et al.* (2018) relata em seus estudos que muitas mulheres apresentam autoestima baixa, ficando sujeitas a sofrer danos psicológicos graves e, além de ter perda do desejo sexual, ela pode entrar em uma profunda depressão. O aborto espontâneo pode acarretar impactos na vida dessa mulher que passa a se diminuir enquanto pessoa e a questionar sobre sua fertilidade e capacidade de gerar uma nova vida (FREITAS *et al.*, 2017). Segundo Leonardi (2016), a mulher ao se deparar com o aborto, passa a acreditar que é incapaz infértil e que não será possível engravidar novamente. Pearson (2017) complementa que 20% das mulheres que vivenciam o aborto espontâneo apresenta sintomas depressivos sendo comum também a ansiedade.

Figueiredo (2016) afirma que a mulher, diante da perda de um filho, passa a vivenciar o luto, tornando esse processo de abortamento mais difícil de ser elaborado. Em meio a esse processo é normal haver momentos em que o sentimento de culpa e raiva apareçam. Freitas *et al.* (2016) relata que grande parte das mulheres que sofreram aborto espontâneo, independente da idade, relata sentimento de tristeza, vazio, desesperança e sensação de vulnerabilidade e podem vir a ter comportamentos autodestrutivos e depressão.

A partir da perspectiva social, por se tratar do aborto espontâneo, há a dificuldade de entendimento por conta do afastamento da realidade do concreto, devido à falta de um corpo para velar. Em face a isso, muitas mulheres não conseguem pensar em uma outra gravidez e por não conseguir elaborar esse luto não consegue planejar ou engravidar. Entretanto, para aprender a lidar com a morte/luto se faz importante o acompanhamento de profissionais da saúde junto às mulheres que sofreram aborto, atuando como facilitador nesse momento tão delicado de suas vidas.

2.3 CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA FRENTE A MULHERES NO PROCESSO DE ABORTAMENTO

O aborto espontâneo é um dos acontecimentos mais difíceis para a mulher lidar sozinha. É importante que as pessoas à sua volta estejam atentas e sejam empáticas, e possam ajudá-la a compreender a realidade em que se encontra. Ao perceberem os efeitos emocionais e os sentimentos vivenciados por ela, como a autopunição e a culpa, é importante que eles a auxiliem na busca por ajuda, pois alguns autores relatam em seus estudos que os sentimentos vivenciados por mulheres que sofreram aborto espontâneo podem estar ligados à depressão, que expõe a mulher a um momento delicado de fragilidade (FIGUEIREDO *et al.*, 2016).

Com a perda gestacional, algumas mulheres ainda permanecem internadas e dividindo o mesmo quarto com outras mulheres que acabaram de gerar os seus bebês, isso faz com que essas mulheres fiquem bastante sensibilizadas, se tornando necessário o acolhimento dos profissionais que trabalham na área da saúde. Neste sentido, oferecer um atendimento humanizado e atenção adequada, mesmo para aquelas quando a expulsão do feto foi espontânea e completa e não há necessidades de internação, é importante, pois independente da forma como se deu o aborto espontâneo, a mulher está passando por um momento sensível. (LE MOS; CUNHA, 2015). Porém, os profissionais de saúde envolvidos no atendimento à mulher que passou pelo processo de aborto espontâneo, muitas vezes não conseguem lidar com as questões emocionais dessa mulher e acaba se limitando somente aos cuidados físicos (CAMARNEIRO *et al.*, 2015).

O aborto pode afetar profundamente a vida de uma mulher que já se encontra instável emocionalmente. Para Junior (2017), é importante a recomendação de uma intervenção psicossocial após o processo de abortamento e também durante o processo de uma nova gestação, para que ela possa ter uma boa qualidade de vida. Com a perda do tão

esperado filho é compreensível que a mãe encontre dificuldade em se reorganizar a essa nova realidade. Mattos (2015) destaca o papel da psicologia, por se tratar de um trabalho diferenciado quando se refere a aspectos emocionais, relacionais e sociais.

O terapeuta, diante deste momento difícil, no qual os projetos e sonhos dessa mulher foram modificados pela tristeza de perder um filho, deve encontrar junto com essa mulher a melhor maneira de enfrentar essa situação, de lidar com essa dor, através do respeito, da escuta, do acolhimento, considerando seus aspectos subjetivos e ajudá-la a redescobrir a melhor maneira de elaborar essa experiência. (MARVILA *et al.*, 2018).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo configura-se como uma pesquisa de natureza descritiva, que tem como propósito identificar os aspectos emocionais de mulheres que passaram pelo processo de aborto espontâneo (SILVA; FOSSÁ, 2015). Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que possibilita explicar os porquês das coisas, preocupando-se com aspectos que não podem ser quantificados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Quanto aos meios, este estudo é classificado como pesquisa de campo, pois busca analisar com profundidade os sujeitos pesquisados (GIL, 2002).

A construção do referencial teórico foi efetuada a partir de uma pesquisa bibliográfica dos dados de artigos científicos com publicação entre os anos de 2015 a 2019. Para o levantamento dos dados foi utilizado uma entrevista semiestruturada, realizada com 05 mulheres com idades entre 21 e 52 anos, que passaram pela situação de aborto espontâneo, utilizando a amostragem em “bola de neve”, que tem a intenção de obter melhor compreensão sobre o tema. Este método se mostra útil, pois tem como finalidade ajudar a localizar uma população difícil de ser acessada, de maneira que uma mulher que sofreu aborto espontâneo conhece e consegue encontrar no caso do perfil desta pesquisa, outras mulheres que também sofreram aborto espontâneo no meio de uma população geral (VINUTO, 2015).

A entrevista semiestruturada contou com 8 perguntas pré-estabelecidas, que buscaram levantar informações sobre a história de vida gestacional da mulher e os sentimentos que estão relacionados ao aborto espontâneo vivido. Na entrevista semiestruturada, o caráter de interação entre entrevistado e entrevistador diminui a chance de respostas estereotipadas e possibilita respostas espontâneas (BONI; QUARESMA, 2005), o que se torna um fator importante nesta pesquisa.

Como critérios de inclusão para esse estudo, as entrevistadas deveriam ser maiores de dezoito anos de idade e ter passado pelo processo de aborto espontâneo. Como critério de exclusão não poderiam ter provocado o aborto. A entrevista foi áudiogravada e transcrita, mantendo a fidedignidade dos dados e a imparcialidade do pesquisador. As participantes assinaram duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), uma cópia ficou com as participantes e a outra com a pesquisadora. As entrevistas ocorreram no mês de outubro de 2019. Cada participante optou que a entrevista acontecesse em sua residência.

Para análise dos dados foi utilizado como método à análise de conteúdo, que é um conjunto de técnicas que viabilizam a análise das comunicações, seguindo as quatro etapas de Bardin (1977): a organização de análise, codificação, categorização, tratamento e interpretação dos resultados, buscando coletar a amostra representativa dos dados da entrevista. (BARDIN, 2016). O que permite descrever e analisar as informações encontradas. É importante salientar que ao transcrever foram mantidos os padrões de pronúncia de cada participante. Diante da análise das falas das participantes surgiram três categorias, assim apresentadas: I) Sentimentos vividos a partir da experiência, II) Os impactos relacionados à vivência do aborto espontâneo e III) A importância da psicologia frente a mulheres que sofreram aborto espontâneo.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O Quadro I apresenta algumas informações relevantes sobre as participantes. Cabe destacar que os nomes usados são fictícios de modo a preservar a identidade das entrevistadas. As participantes têm entre 21 e 52 anos, a maioria delas tiveram um aborto espontâneo e somente uma delas teve dois abortos. Com exceção de uma das participantes, todas são casadas e possuem filhos, sendo importante destacar que todas as gestações foram planejadas.

Nome	Idade	Tempo transcorrido o aborto espontâneo	Quant. de abortos espontâneos	Nº de filhos hoje	Estado civil
Isy	21	12 e 19 semanas	02	Nenhum	Casada
Gê	34	6 semanas	01	01	Casada
Rô	52	12 semanas	01	03	Divorciada
Jô	33	12 semanas	01	01	Casada
Ká	47	6 semanas	01	01	Casada

Quadro 1: Dados dos participantes

Fonte: Dados da pesquisa

4.2 SENTIMENTOS VIVIDOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ABORTO

Foi observado que todas as entrevistadas apresentavam, através de suas falas, um grande sentimento de dor e tristeza diante da perda e de como falar sobre o ocorrido se tornava difícil e doloroso, pois, de acordo com as participantes todas as gestações foram planejadas, havia uma expectativa frente a essa gestação, e ao se deparar com a perda era estar diante de um sentimento de vazio, e que chega a ser quase impossível descrever. Segundo elas é como se estivesse arrancado um “pedacinho” de cada uma, é uma situação que jamais imaginavam que pudesse acontecer justamente com elas, justamente com algo tão esperado, impossível de ser esquecido. Cabe destacar que durante as entrevistas, o clima foi de tristeza, de pesar e de constante emoção ao recordar o aborto.

“Uma profunda tristeza, desespero, angústia de coração, me sentir completamente incapaz de gerar um filho.” (Isy, 21 anos).

“É umas das piores sensações do mundo, uma tristeza, uma frustração, uma dor que não tem como explicar, só quem passa que sabe. Fica difícil relatar, pois é um sentimento muito forte, perder um filho mesmo sem conhecê-lo é uma dor sem tamanho.” (Gê, 34 anos).

“Mesmo ter engravidado duas vezes após o aborto, fica um buraco no meio.” (Rô, 52 anos).

A opinião de Freitas *et al.* (2016) associa com a de Figueiredo (2016), em relação aos sentimentos de dor e tristeza trazidos pelas mulheres durante a entrevista. Eles relatam que, independentemente da idade da mulher, os sentimentos tanto de tristeza, sensação de vazio, desesperança e vulnerabilidade, estão presentes na vida de quem passou pelo processo de abortamento e que essa experiência se torna muito dolorosa, o que se mostra ser verdade devido à comoção dessas mulheres no ato da entrevista. Os autores também relatam sobre a sensibilidade da mulher diante o aborto, pois junto com a perda de um bebê também morre uma parte da mãe, o que acaba tendo que conviver com a falta do tão esperado filho em seus braços, voltando para casa com um “buraco”, um sentimento de vazio.

4.2 OS IMPACTOS RELACIONADOS À VIVÊNCIA DO ABORTO ESPONTÂNEO

Ao serem questionadas sobre se conseguiriam identificar os impactos relacionados ao aborto, todas tiveram relatos relevantes, onde foram destacados os sentimentos de medo e culpa. Pode-se perceber, a partir dos relatos, que o medo que elas sentiam está relacionado ao

medo de uma nova gestação, vindo a acreditar que a mesma perda poderia vir a acontecer novamente. Já o sentimento de culpa, elas acreditavam que em algum momento da gestação poderiam ter feito algo que foi responsável para que o aborto espontâneo acontecesse, o que certamente causava mais sofrimento.

“Eu me culpei. Que que eu fiz de errado? Eu chorei muito. Eu fiquei com muito medo, você fica assim, nossa vai acontecer a mesma coisa de novo. Você fica com receio.” (Jô, 33 anos).

Me tornei uma pessoa muito emotiva, às vezes fria demais, outras vezes chorona demais e me sentindo a principal culpada de tamanho pesar por ser bem nova [...] mas me abalou muito ver o meu sonho sendo despedaçado (Isy, 21 anos).

“Fiquei com muito medo de ter outro filho, porque achava que iria acontecer a mesma coisa, tanto que eu tenho trauma eu não quis ter mais filhos [...] tanto que a Lá (filha que teve 4 anos após o aborto) nem programei, se ela não tivesse vindo eu tenho certeza que não teria outro filho. Da minha filha Lá eu tive medo até o final da gestação. Todo mês fazia ultrassom para ver como que estava.” (Ká, 47 anos).

Leonardi (2016), Freitas *et al.* (2017) e Figueiredo (2016) relacionam o medo à capacidade de a mulher se sentir infértil e não conseguir engravidar novamente, o que faz com que muitas mulheres não consigam pensar em uma outra gestação, passando a se questionar sobre sua fertilidade. Quando se observa a fala de Ká, o medo que ela sentiu após sofrer o aborto espontâneo foi um fator contribuinte para que ela optasse por não vivenciar outras gestações. Os autores ainda relatam que, diante de uma perda do filho, a mulher vivencia o luto que torna esse processo mais difícil e doloroso e que se torna normal haver momentos em que o sentimento de culpa apareça. O sentimento relatado por elas acabou por fazer com se sintam sensibilizadas e tenham a sensação de que se tornaria impossível vivenciar uma nova gestação.

4.3 A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA FRENTE À MULHERES QUE SOFRERAM ABORTO ESPONTÂNEO

Todas as participantes articularam sobre a falta e a grande necessidade que sentiram por não ter tido um profissional psicólogo para o acolhimento diante o aborto espontâneo, o que segundo elas, seria de extrema importância. Foram questionadas se lhes foi oferecido algum suporte psicológico para ajudar na passagem desta vivência. As entrevistadas relataram ter ficado de um dia para o outro em observação e que em nenhum momento foi dado à possibilidade de uma intervenção psicológica, nem dos profissionais da saúde e nem de

peessoas próximas a elas, para que elas pudessem ter um suporte emocional durante esse processo de abortamento. Diante disso, percebe-se a grande importância de se ter um olhar humanizado para com essas mulheres que se encontram em estado de vulnerabilidade, pois com o suporte psicológico elas poderiam lidar melhor com essa situação, sendo importante também que tenha um trabalho multidisciplinar.

Não tive e não foi oferecido em nenhum momento. Graças a minha fé superei, mas acredito que se recebesse o apoio psicológico tudo teria sido melhor (Gê, 34 anos).

“[...] sempre tive um preconceito com psicólogo acha que quem ia as consultas as terapias com psicólogos tinha algum desajuste mental.” (Isy, 21 anos).

“Nenhum momento tive suporte psicológico. Foi ainda mais difícil e até na gravidez seguinte foi com dificuldade e ameaças de aborto.” (Rô 52 anos).

Compreende-se através da fala, o quanto se torna evidente a carência de um profissional psicólogo diante desse momento tão difícil para a mulher lidar sozinha. Camarheiro *et al.* (2015) ressalta que os profissionais de saúde, ao se depararem com tal situação, muitas vezes não conseguem lidar com as questões emocionais dessa mulher e acabam se limitando somente aos cuidados físicos. Portanto, se torna necessário o apoio de um profissional capacitado para entender e compreender os sentimentos dessas mulheres que passaram pelo processo de abortamento.

Para Silva *et al.* (2015) e Junior (2017), a mulher ao sofrer o aborto espontâneo, necessita de um profissional que esteja disposto acolher essa mulher diante de uma escuta genuína, considerando sua subjetividade, para que então possa proporcionar uma melhor qualidade de vida e, se for da vontade da mulher, prepará-la para uma futura gestação. Segundo Marvila *et al.* (2018) e Mattos (2015), a melhor maneira de enfrentamento é aprender a lidar com a dor e proporcionar um ambiente acolhedor através do respeito, destacando assim o papel da psicologia, por possuir um trabalho diferenciado quando se refere a aspectos psicossociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu identificar os sentimentos apresentados e os impactos destes, na vida de mulheres que passaram pela experiência do aborto espontâneo. Pode-se afirmar que todas as entrevistadas fizeram menção a sentimentos de tristeza, medo, culpa e vazio, que podem estar associados a estados depressivos, relacionados ao aborto espontâneo, o que

respondeu em partes os pressupostos deste trabalho. Não foi identificado nas falas das entrevistadas nenhum comportamento autodestrutivo e nem baixa autoestima.

O aborto é um tema tenso, pesado e carregado de preconceito, que pouco se fala ou se trata do assunto, causando assim um desamparo das mulheres que passaram por tal experiência, pois a perda é um momento muito difícil para que a mulher lide sozinha. Todas relataram que em nenhum momento foi lhes oferecido apoio psicológico e se elas tivessem tido esse apoio tudo poderia ter sido diferente. Portanto, se faz necessário a atuação do profissional psicólogo frente a essas mulheres, para que eles possam apresentar possibilidades de intervenção.

Este estudo contribui para que seja feito uma reflexão acerca da saúde mental da mulher que passou pelo processo de abortamento e a contribuição da psicologia frente a essa mulher que sofreu aborto espontâneo, sendo importante destacar que este trabalho possibilitou que esse grupo de mulheres falasse sobre seus sentimentos e para que outras possam se sentir representadas, podendo assim, diminuir o sentimento de solidão e medo que cercam estas mulheres que passaram por um aborto espontâneo.

Como limitações, este artigo se limitou a entrevistar mulheres que sofreram um aborto espontâneo, ficando como sugestão a realização de mais pesquisas sobre esta temática, para que haja uma discussão constante sobre o aborto, no intuito de destacar a importância do profissional psicólogo junto a essas mulheres diante este momento tão delicado e difícil em suas vidas. Sugere-se ainda, novos trabalhos que consigam ampliar a amostra e que possam também abranger os profissionais da área da saúde, que se encontram frente à mulher que sofreu o aborto espontâneo para que, junto ao profissional psicólogo, possa ser feito um trabalho multidisciplinar visando o completo bem-estar da mulher.

REFERÊNCIAS

BARDIN. L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

BASTOS, P. M. B. A percepção do aborto ao longo da história e a construção do seu conceito nos dias atuais. **Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**. Vitória, v. 5, n. 3, p.55-70, maio 2017. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas/article/view/609>>. Acesso em: 28 de ago. 2019.

BEZERRA, E. S; RIBEIRO, J. V; WATERKAMP, F. **A saúde da mulher e a contribuição de enfermagem frente a mulher que sofreu aborto**. Faculdade de Pimenta Bueno-FAP. Ed

7, fevereiro 2018. Disponível em: <<https://fapb.edu.br/wp-content/uploads/sites/13/2018/02/ed7/5.pdf>>. Acesso em: 20 de out. 2019.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Santa Catarina, Vol. 2 nº 1 (3), p. 68-80, jan/jul 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/%2018027/16976>> Acesso em: 06 de mar. 2019
CAMARNEIRO, A. F.; MACIEL, J. C. S. C.; SILVEIRA, R. M. G. Vivências da interrupção espontânea da gravidez em primigestas no primeiro trimestre gestacional: um estudo fenomenológico. **Revista de Enfermagem de Referência**. Coimbra, vol. IV no. 5. Coimbra, p.110-117, jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832015000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 de set. 2019.

DINIZ, M. H.. **Estado atual do biodireito**. 10 ed São Paulo: Saraiva 2017. Acesso em: 19 de abr. 2019.

FERNÁNDEZ, A. **O aborto na antiguidade**. Jun. 2018. Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/O-aborto-na-antiguidade>>. Acesso de 30 ago. 2019.

FIGUEIREDO, P.. **Aborto espontâneo: consequências emocionais**. Campinas, Out. 2016. Disponível em: <<http://psicologiaparacuriosos.com.br/aborto-espontaneo-consequencias-emocionais>>. Acesso em: 23 de abr. 2019.

FREITAS, A. P. B; ABREU, A. C. O; CÔELHO, M.B; PERES, T. C; ALVES, I. D. O. L. **Abortamento espontâneo: Vivência e Significado em psicologia hospitalar**. Ituiutaba, 2016. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigos/artigo_semana_academica_aborto>. Acesso em: 27 de abr. 2019.

GERHARDT, T. E. ; SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>>. Acesso em: 06 de jun. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4º ed. Editora Atlas S.A São Paulo 2002.

GIMENEZ, C. G.; REIG, J. A. **Aborto espontâneo recorrente: causas, avaliação e manejo**. Pós-Graduação Medical Journal 2015; 91: 151-162. Volume 91, Edição 1073. DOI: 10.1136/postgradmedj-2014-132672. Disponível em: <<https://pmj.bmj.com/content/91/1073/151>>. Acesso 19 de abr. 2019.

JUNIOR, A. C. **Qualidade de vida, ansiedade e depressão em mulheres com história de aborto espontâneo recorrente**. 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde- área de Saúde

Materna e Perinatal)-Programa de Pós-Graduação em Tocoginecologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/333628/1/CarvalhoJunior_AtalibaDe_D.pdf> Acesso em: 07 de set. 2019.

LIMA, F. Curetagem é indispensável em casos de aborto e sangramento intenso. **Revista da Mulher**. Dez. 2015. Disponível em: <<http://arevistadamulher.com.br/ginecologia/content/2167555-curetagem-e-indispensavel-em-casos-de-aborto-e-sangramento-intenso>>. Acesso em: 26 de ago. 2019.

LEMOS L. F.S; CUNHA, A. C. B. **Concepções Sobre Morte e Luto: Experiência Feminina Sobre a Perda Gestacional**. Universidade do Rio de Janeiro, p. 1120-1138, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932015000401120&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 28 de abri. 2019.

LEONARDI, C. A importância do luto após um aborto espontâneo. **Revista digital Bebe.com** do Grupo Abril, jun/out. 2016. Disponível em: <<https://bebe.abril.com.br/gravidez/a-importancia-do-luto-apos-um-aborto-espontaneo/>>. Acesso em 28 de abr. 2019.

MATTOS, S. B. **Causas relacionadas ao aborto espontâneo**: uma revisão de literatura. Universidade do extremo Sul Catarinense- UNESC, Especialização em enfermagem obstétrica e neonatal, Criciúma-SC. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/3300/1/Silvia%20Barbosa%20Mattos.pdf>. Acesso em: 20 de out. 2019.

MARTINS, G. **Precisamos falar sobre aborto espontâneo**. Nov. 2017. Disponível em <<https://revistaglamour.globo.com/Beleza/Saude/noticia/2017/11/precisamos-falar-sobre-aborto-espontaneo.html>> Acesso em: 25 de abr. 2010.

MERELES. C. **ABORTO**: Entende tudo sobre essa questão. Publicado em 17 de novembro de 2016. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), graduada em Jornalismo, <https://www.politize.com.br/aborto-entenda-essa-questao/> Acesso em: 28 Ago 2019.

MARVILA, W. S; GONÇALVES, L. M; FERREIRA, N; NAPOLITANO, M. A. **A dor por trás do luto materno**: uma investigação acerca dos mecanismos de sobrevivência criados a partir do luto. Cachoeiro de Itapemirim, Curso de Psicologia. Faculdade Multivix. 2018 Disponível em: <<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/08/a-dor-por-traz-do-luto-materno.pdf>> Acesso em: 08 de set. 2019.

MORAIS, M. **Conceito e histórico do aborto**. Ago. 2017. Disponível em: <<https://mariellimorais.jusbrasil.com.br/artigos/483830508/conceito-e-historico-do-aborto>> Acesso em: 27 de ago. 2019.

PITILIN, E. B.; BANAZESKI, A.; BEDIN, R.; GASPARIN, V. A. Assistência de enfermagem em situações de abortamento induzido/provocado: uma revisão integrativa da

literatura. **Revista Eletrônica Trimestral de Enfermagem**, n. 43, p. 1-14; jul, 2016.

Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/304810688_Assistencia_de_enfermagem_em_situacoes_de_aborto_induzido_provocado_uma_revisao_integrativa_da_literature> Acesso em 18 de abri. 2019.

PEARSON, C. **A solitária experiência da depressão depois de um aborto espontâneo.**

Ago. 2017. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2017/08/02/a-solitaria-experiencia-da-depressao-depois-de-um-aborto-espont_a_23061560/>. Acesso em: 31 de ago. 2019

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I.T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**. Brasília, n. 16, 2015. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113>. Acesso em: 06 Mar. 2019.

SILVA, E. F.; TREVISAN, D. C.; LORENZINI, E.; PRUSS, A. C. S. F.; STRAPASSON, M. R.; BONILHA, A. N. L. Atenção à mulher em processo de abortamento induzido: a percepção de profissionais de enfermagem. **Revista de Enfermagem da UFSM**. v. 5, n. 3. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/14801>>. Acesso em: 09 de mar. 2019.

SILVEIRA, C. E. Prática do aborto na sociedade contemporânea: perspectivas jurídicas, morais, econômicas e religiosas Biodireito Âmbito Jurídico. **Revista Âmbito Jurídico Biodireito**, 2016. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=2388>. Acesso em: 18 de abr. 2019.

SILVEIRA, P; MCCALLUM, C; MENEZES, G. Experiências de abortos provocados em clínicas privadas no nordeste brasileiro. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.32, n. 2, p. 2-8, fev., 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2016000200705&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 31 de ago. 2019.

STEVAUX, D. **Aborto espontâneo – sintomas, causas, e outras orientações.** Mai. 2018.

Disponível em: <<http://www.danonebaby.com.br/desenvolvimento/aborto-espontaneo-sintomas-causas-e-outras-orientacoes-sobre-o-assunto/>> Acesso em: 25 de abr. 2019.

VINUTO, J. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa:** um debate em aberto. Campinas, p.201-218. 2015. Disponível em:

<<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144>>. Acesso em: 19 de set. 2019.